

**ENTRE A SEGURANÇA EM RISCO E O RISCO DA SEGURANÇA:
ETNOGRAFIA NUMA ACADEMIA DE PORTO ALEGRE NO PERÍODO DA
PANDEMIA**

Recebido em: 24/01/2025

Aprovado em: 23/05/2025

Licença: 

Denise Fick Alves¹

Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)
Porto Alegre – RS – Brasil
<https://orcid.org/0000-0002-3752-8197>

Leonardo Silva de Lima²

Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)
Porto Alegre – RS – Brasil
<https://orcid.org/0000-0003-0455-4812>

Mauro Myskiw³

Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)
Porto Alegre – RS – Brasil
<https://orcid.org/0000-0003-4689-3804>

RESUMO: O cenário pandêmico mostrou a produção e a incorporação de outras maneiras e novos hábitos de comunicação e de interação nos espaços das academias de ginástica. Nesse contexto, desenvolvemos uma etnografia em diferentes grupos de práticas corporais, numa academia de ginástica da cidade de Porto Alegre/RS. A imersão etnográfica ocorreu entre junho de 2020 e agosto de 2022. Após a possibilidade de reabertura, a academia de ginástica precisou ser, primeiramente, um lugar seguro, mas

¹ Mestre em Educação Física pelo Programa de Pós-Graduação Ciências do Movimento Humano (PPG-CMH/UFRGS) na área dos estudos que envolvem o movimento humano, cultura e educação e na linha de pesquisa com escopo nas representações sociais do movimento humano. Bolsista CAPES. Pesquisadora do Grupo de Estudos Socioculturais em Educação Física (GESEF/UFRGS). Bacharela em Educação Física pela universidade Federal do Rio Grande do Sul. Licenciada em Educação Física pela Universidade Luterana do Brasil.

² Graduado em Educação Física Licenciatura Plena pela Universidade Federal de Santa Maria, mestrado em Engenharia de Produção pela Universidade Federal de Santa Maria e mestrado em Ciências do Movimento Humano pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul. É membro do Grupo de Gestão em Educação Física e do Grupo de Estudos Socioculturais em Educação Física. Atualmente é doutorando no Programa de Pós-Graduação em Ciências do Movimento Humano (PPGCMH) da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

³ Graduado em Educação Física pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná, mestre em Ciência do Movimento Humano pela Universidade Federal de Santa Maria, mestre em Administração pela Universidade Federal de Santa Maria, doutor em Ciências do Movimento Humano pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Professor Adjunto da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Professor do Programa de Pós-Graduação em Ciências do Movimento Humano (PPGCMH/UFRGS).

isso significou transitar, emocionalmente, entre ‘a segurança em risco’ e o ‘risco da segurança’. Portanto, o objetivo do estudo foi compreender como as pessoas produziram suas relações nesse universo, levando em consideração a busca por um lugar de cuidado e de acolhimento. As práticas em meio a uma pandemia foram vividas a partir de duas lógicas: ‘do cuidado e do relaxamento’, ambas importantes para sustentar a academia como um lugar seguro.

PALAVRAS-CHAVE: Etnografia. Segurança. Pandemia.

CAUGHT BETWEEN SAFETY AND RISK: NA ETHNOGRAPHIC STUDY OF A PORTO ALEGRE GYM DURING THE PANDEMIC

ABSTRACT: The pandemic scenario revealed the production and incorporation of new ways and habits of communication and interaction within gym spaces. In this context, we conducted ethnography in different groups of bodily practices in a gym in Porto Alegre, RS. The ethnographic immersion took place between June 2020 and August 2022. After the possibility of reopening, the gym needed to be, first and foremost, a safe place, but this meant navigating, emotionally, between 'safety at risk' and 'the risk of safety'. Therefore, the study aimed to understand how people produced their relationships in this universe, considering the search for a place of care and welcome. Practices amidst a pandemic were experienced from two logics: 'care and relaxation', both important to sustain the gym as a safe place.

KEYWORDS: Ethnography. Security. Pandemic.

Introdução

Este trabalho, numa perspectiva etnográfica, tem como objetivo compreender como as pessoas produziram suas relações no universo de uma academia de ginástica da cidade de Porto Alegre, num período de enfrentamento da Pandemia de COVID-19, levando em consideração a busca por um lugar de cuidado e de acolhimento. Por que essa busca? Porque, no decorrer da investigação, nas aulas e, em outros espaços da academia, muitas vezes foi possível escutar afirmações e observar situações indicativas de que aquele lugar representava ‘um lugar muito além de 45 minutos’ de aula, dado o investimento para estar lá, inclusive ‘enfrentando riscos’ de contaminação. Assim, passamos a nos interrogar sobre esse ‘além’, em especial como as emoções marcaram a academia como um lugar de acolhimento e de cuidado, num período de enfrentamento da Pandemia e seus riscos.

Com a declaração da Organização Mundial de Saúde (OMS), em março de 2020, de uma pandemia causada pelo novo coronavírus (Sars-COV-2), vários países, incluindo o Brasil, adotaram medidas de isolamento e distanciamento social como um padrão de enfrentamento à COVID-19 (Araújo Júnior; Mendonça; Toscano, 2020). A Prefeitura Municipal de Porto Alegre publicou na edição extra do Diário Oficial do dia 20 de março de 2020 o Decreto n.º 20.521⁴, que reforçava as medidas emergenciais para enfrentar o avanço do vírus. Entre as determinações, de maneira compreensível, dada a gravidade da situação, estava imposto o que seria o primeiro fechamento das academias de ginásticas e centros de treinamentos.

Vale mencionar que no primeiro investimento etnográfico realizado no primeiro semestre de 2020, percebemos que a obrigatoriedade do distanciamento social abria controvérsias a respeito ‘da segurança’ entre as pessoas que circulavam na Academia. Além disso, os comportamentos e reações emotivas eram bastantes heterogêneos, por vezes tensos, entre as modalidades, os grupos e as pessoas. No que tange às práticas corporais, existia o receio de interação social por parte de algumas pessoas, causando desconforto e constrangimento quando ocorria o toque corporal.

O cenário pandêmico mostrava a produção e a incorporação de outras maneiras e novos hábitos de comunicação e de interação no espaço da Academia, o que nos fez considerar a realização de uma etnografia na pandemia e não apesar da pandemia, tal como propuseram Silveira *et al.* (2022). Nesse contexto de incertezas, avançamos para o segundo movimento de aproximação com o campo, ocorrido no período de junho de 2021. Essa segunda imersão nos possibilitou estranhar que as preocupações acerca do

⁴ Determina o fechamento dos estabelecimentos comerciais, construções civis, industriais e de serviços em geral, exceto os estabelecimentos que menciona, para enfrentamento da emergência de saúde pública de importância internacional decorrente do novo Coronavírus (COVID-19) no Município de Porto Alegre.

distanciamento social ficavam, em alguns momentos, num segundo plano. Mesmo com a máscara, o abraço e toque foram bastante presentes nas interações nos fazendo revisitar nossas inquietações iniciais em que o distanciamento era bastante presente.

Por último, no ano de 2022 e com a experiência etnográfica mais sustentada no cotidiano da Academia, pudemos acompanhar que o retorno das pessoas dependia de um sentimento de ‘segurança’. Isso nos chamou a atenção e passou a ser, em grande parte, o enfoque desta pesquisa que, podemos denominar de uma etnografia das práticas e linguagens ‘da segurança’, estas possíveis de serem investigadas pelas controvérsias que abriam e alimentavam. A academia de ginástica, inclusive do ponto de vista da sua gestão como empreendimento de negócios, precisou ser, primeiramente, um lugar ‘seguro’, mas isso significou transitar, emocionalmente, entre ‘a segurança em risco’ e o ‘risco da segurança’, como procuramos sustentar ao longo deste texto.

Assim, tomando a investigação acerca da construção do sentimento de ‘segurança’ como questão articuladora das análises e interpretações, avançamos num texto etnográfico que dialoga com a literatura acadêmica, em especial, as obras de David Le Breton e Mauro Koury, numa perspectiva de colaborar para as reflexões no campo da Educação Física.

Começamos revisitando o arcabouço teórico da antropologia das emoções, considerando a sua importância no cenário das discussões sobre a compreensão das emoções tidas como fenômenos sociais, culturais, simbólicos e, principalmente, as suas proposições em torno da subjetividade nas relações sociais no entrelaçamento com as práticas corporais. Na sequência, em diálogo com o nosso material empírico, tivemos em vista compreender como a ‘segurança’ marcou as experiências individuais e coletivas na academia, bem como produziu significados aos estados afetivos que

demarcaram as experiências sobre a gestão dos corpos e das emoções nas aulas, nos grupos e nos diferentes espaços de convívio entre as pessoas no período da pandemia.

Considerações Metodológicas

A presente investigação foi realizada através de uma etnografia. Diante do cenário de crise, passamos a problematizar a busca/necessidade de um lugar de acolhimento e cuidado na academia, tendo como questão o período de enfrentamento da Pandemia de COVID-19. Dado o ineditismo da situação, na linha do que propõem Magnani (2002) sobre a produção etnográfica, buscamos produzir um novo entendimento sobre esse objeto de investigação, o que se tornou possível a partir de uma trajetória de convivência com as pessoas nesse universo simbólico, acompanhando suas dificuldades, angústias, lutos, doenças, inseguranças e compartilhando momentos de esperança, alegria e contentamento. Para isso, direcionamos nosso trabalho de campo apoiados na compreensão sobre o fazer etnográfico das antropólogas Eckert e Rocha (2008) ao olhar (ver) e escutar (ouvir) as experiências emocionais individuais e coletivas, além de senti-las, procurando colocar em tensão perspectivas teóricas no campo da antropologia das emoções, visões de mundo e trocas cotidianas com os interlocutores.

A pesquisa foi desenvolvida em uma academia localizada no bairro Jardim Botânico, na cidade de Porto Alegre, no Rio Grande do Sul. A academia foi construída em 1990, desde então, opera numa lógica híbrida, que segundo Furtado (2008), significa “[...] diversificar a sua produção de tal forma que abrange boa parte de outras práticas corporais que poderiam ser desenvolvidas em outros locais” (Furtado, 2008, p.3).

Nessa lógica diversificada, o local oferece aulas de musculação, zumba, pilates de aparelhos, natação adulta e hidroginástica. No período em que a etnografia foi desenvolvida, a equipe de trabalho dividia-se entre 15 colaboradores: um gerente geral, uma coordenadora técnica, um responsável pela manutenção da piscina, três consultores de vendas, três professores de musculação, uma professora de pilates, três professores na piscina, dois responsáveis pela limpeza e organização da academia.

A experiência etnográfica foi desenvolvida pela primeira autora, em diferentes grupos/modalidades de práticas corporais (hidroginástica, natação, musculação e zumba). Para que fosse possível conviver com os alunos de cada uma, foi organizada uma agenda para o trabalho de campo, inspirada no estudo de Winkin (1998), sistematizando os dias e horários das observações participantes em distintas turmas/grupos, também considerando questões como relações de gêneros e gerações.

A agenda foi organizada segundo a grade de horários da Academia. As práticas corporais da hidroginástica, natação e zumba, têm duração de 45 minutos. Nesse sentido, aproveitamos para conviver com os alunos antes e depois das aulas, fazendo o possível para obter uma aproximação fluída naqueles grupos. Tal convívio foi importantíssimo para chegarmos próximos de uma “análise em profundidade” (Stigger, 1997), dos modos de viver e significar as práticas corporais da Academia em um momento tão singular como de uma pandemia.

A pesquisa de campo foi realizada de forma sistemática no período de junho de 2021 até agosto de 2022. No segundo semestre de 2021, realizamos uma aproximação com o campo a fim de formular um problema de pesquisa para qualificação do projeto. No ano seguinte, colocamos em funcionamento a agenda de observações e realizamos as anotações de campo em cada grupo/modalidade. Nos meses de janeiro, fevereiro e

março de 2022 acompanhamos as práticas da musculação e da zumba. Optamos por acompanhar as duas modalidades, pois a zumba acontece três vezes na semana, no período da manhã. Diante disso, estivemos em campo no período das 7h30 até 11h30 nas segundas, quartas e sextas-feiras. Nos meses de abril, maio, junho e julho nos concentramos nas modalidades aquáticas. Haja vista que ambas aconteciam na mesma piscina, optou-se por acompanhá-las juntas também. Nas segundas, quartas e sextas-feiras acompanhávamos o turno inteiro da manhã (7h30 às 11h30) e nas terças e quintas-feiras conseguíamos acompanhar dois horários; 16h10 e 17h10.

As interações “condição bastante significativa para a pesquisa” (Eckert; Rocha, 2008), foram sendo construídas nas diferentes modalidades. Para isso, nos inspiramos em alguns trabalhos etnográficos (Silveira, 2008; Zambelli, 2014 e Lima, 2021), mais especificamente nas estratégias que esses pesquisadores e pesquisadora utilizaram em seus trabalhos etnográficos para obter uma aproximação e uma boa comunicação com seus interlocutores.

Dada a condição de hibridismo da academia e a oferta de algumas modalidades, cada grupo tinha suas particularidades e lógicas de funcionamento, nos desafiando a encontrar estratégias de campo para cada modalidade sempre nos apoiando nos diários de campo, que na perspectiva de Winkin (1998), tem como função na etnografia registrar as observações, reflexões, estranhamentos e emoções que de alguma maneira impactaram o pesquisador naquele momento e, configura-se um elemento central na pesquisa etnográfica. Segundo esse autor, procurando apontar uma forma de sistematização, os pesquisadores podem desenvolver um diário em diferentes colunas: “[...] a coluna da direita é para vocês, a coluna da esquerda, é para as sucessivas releituras e para os comentários. Um diário mantido com muita regularidade, todas as

noites, com uma disciplina que acaba tornando-se tão natural quando a de um viciado de *jogging* que não consegue dispensá-lo” (Winkin, 1998, p. 138). Além disso, esse mesmo autor aponta que o diário pode ser resumido em três funções: catártica, relacionada com emoções, sentimentos e reflexões do pesquisador com o contexto investigado; empírica, atrelada as anotações no campo; reflexiva, a qual permite aproximar os estranhamentos com outros estudos e debates científicos.

As sistematizações aconteceram a partir de registros iniciais, anotados entre uma prática e outra, com intuito de desenvolver as reflexões na sequência. A partir desses registros, elaboramos descrições detalhadas com textos redigidos num editor eletrônico. Os textos foram organizados por pastas descritas por modalidades e, a partir delas, visamos representar a trajetória do ‘campo’ nas experiências etnográficas com os grupos e turma.

A respeito do uso dos dados produzidos pelas observações participantes e documentos,⁵ seguindo critérios éticos da área de Antropologia, os direitos da pesquisadora ficaram subordinados aos direitos dos interlocutores, isso no sentido de que a participação não acarretou prejuízos para os participantes envolvidos, como também foi preservada a intimidade e a identidade deles. Ainda, ao longo da investigação e depois de tê-la concluído, procuramos garantir o acesso aos resultados, através da distribuição de cópias do texto final ao proprietário da Academia e a interlocutores/as interessados/as. Essa pesquisa teve sua aprovação pelo Comitê em Ética em Pesquisa da Universidade Federal do Rio Grande do Sul a partir do parecer número 5.373.750 (CAAE: 56318022.5.0000.5347).

⁵ Tivemos acesso ao sistema de gerenciamento de dados da academia, fichas de treino e anamneses dos alunos.

A transformação ou transposição da experiência etnográfica para o texto etnográfico foi desenvolvida em dois movimentos. No primeiro, valorizando as emoções e numa perspectiva interpretativa, procuramos descrever uma etnografia da construção de noções ou significados de segurança atrelados ao cuidado e acolhimento, implicados pela experiência de enfrentamento da Pandemia. No segundo, procurando apontar para colaborações no debate acadêmico da área, desenvolvemos duas linhas de análises reflexivas que nos pareceram potentes. Uma delas direcionada para a gestão do corpo e das emoções e a outra destacando uma dimensão interacionista.

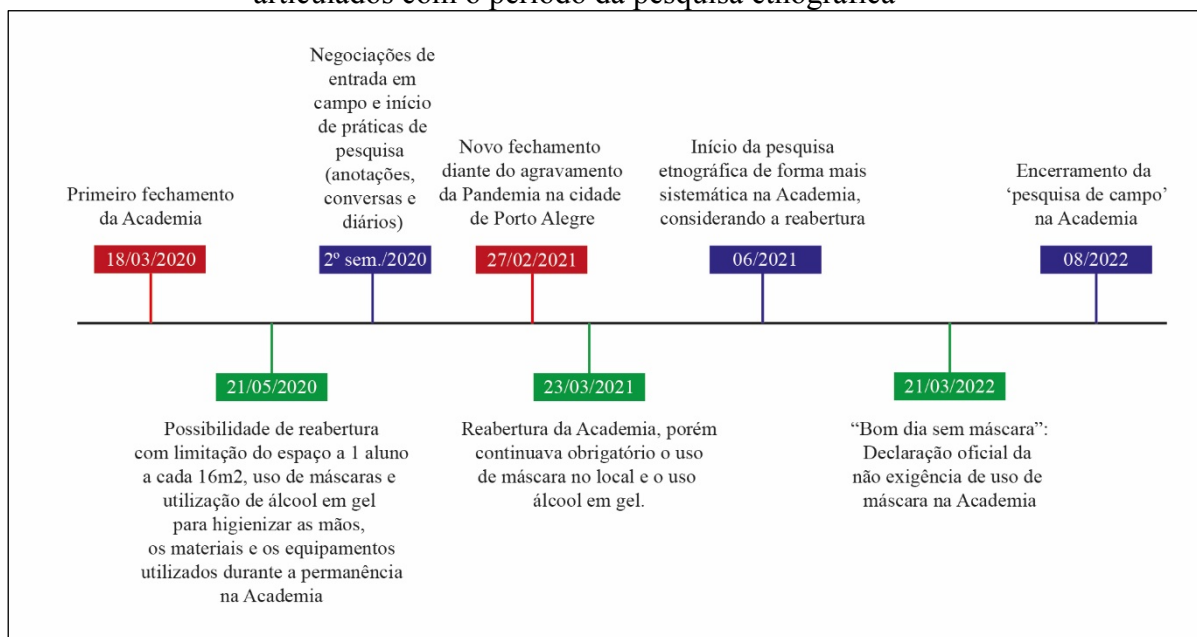
Etnografia ‘da Segurança’ na Academia

A experiência etnográfica foi constituída na pandemia e seus desdobramentos, os quais resultaram em alterações nas relações e comportamentos no cotidiano do universo da pesquisa. O período de pesquisa de campo apresentou algumas alternâncias e modificações, sobretudo resultado do ‘abre e fecha’ das academias porto-alegrenses no período de enfrentamento da crise sanitária. O primeiro fechamento vivenciado ocorreu no dia 18 de março de 2020, com possibilidade de reabertura em 21 de maio de 2020. Apesar de a pesquisa não estar em andamento, já existia um esforço em desenvolver o estudo etnográfico naquele lugar. Estava em andamento, nesse primeiro momento de fechamento, um processo de manifestação do interesse da pesquisa etnográfica na Academia e uma dinâmica de negociação de entrada em campo.

A respeito das datas de fechamentos ou restrições, das aberturas ou liberações atreladas à Pandemia, procurando localizar a realização da pesquisa etnográfica, desenvolvemos a figura abaixo. Essa representação das datas/meses será relevante para a compreensão das descrições e análises que virão adiante. Em vermelho, estão as

marcações que denotam os momentos de fechamentos, em verde, os de reabertura ou liberações e, em azul, as indicações de como isso foi vivenciado na pesquisa etnográfica.

Figura 1: Ilustração de datas/meses de fechamentos e restrições, aberturas e liberações, articulados com o período da pesquisa etnográfica



Fonte: elaboração dos autores.

Assim que foi possível reabrir, em maio de 2020, seguindo protocolos de segurança sanitária, tornou-se imperativo a convivência com o uso obrigatório de máscara no local, inclusive durante os treinos. A partir daquele momento, se desenvolveu um cuidado muito especial a respeito da higienização dos materiais na academia, incluindo aparelhos da sala de musculação, esteiras e/outras materiais de uso comum pelo próprio aluno (Lima; Alves; Myskiw, 2022). Além dos cuidados com a higiene, foi preciso estabelecer uma organização dos espaços destinados aos treinos, num esforço de aumentar o distanciamento entre as pessoas na hora da prática. Noutras palavras, para reabrir a academia, foi preciso comprovar que se tratava de um lugar seguro em relação à pandemia. A noção de segurança do local atrelada à pandemia

passou, por exemplo, a figurar como prioridade nas vendas à medida em que as pessoas demonstraram restrições em voltar a se exercitar em um ambiente fechado.

Naquele momento de aproximação com o campo, o enfrentamento do sentimento de insegurança transitava por diversas perspectivas, mas fundamentalmente era perceptível o receio e, até mesmo, o medo do toque corporal e de um contato muito próximo, isso com consequências sobre as formas de interação. Houve períodos (final do mês de maio do ano de 2021 e nas primeiras semanas do mês de junho) em que se atendeu no máximo dez pessoas durante o dia entre todas as modalidades. Com as poucas pessoas que estavam frequentando, a comunicação passou a ter outra configuração no espaço. Baseava-se na premissa da utilização da máscara de modo correto e na higienização do ambiente.

O ambiente era supervisionado por todos e a limpeza se tornou uma exigência constante como nessa cobrança de uma aluna, “[nome da pesquisadora] eu não vi ninguém limpando o espaldar e todo mundo se encosta lá para alongar. É preciso fazer a higienização daquele espaço também.” (DC, 08/02 de 2021). Além da cobrança com a gerência, os alunos exigiam uns dos outros a limpeza após o uso dos equipamentos e o uso correto da máscara, conforme uma nota de campo: “gurias não adianta a gente usar máscara na aula e ir ali no bar tomar café e ficar grudadas. Nesse momento opto por não tomar café, porque vejo que ninguém está se cuidando” (DC, 08/02 de 2021).

A preocupação com ‘a segurança’ relacionada à pandemia era, portanto, muito evidente e sentida pelas pessoas que produziam aquele universo da Academia. Isso ficou claro, por exemplo, a partir de umas das primeiras anotações quando constatamos que um senhor se dirigiu até o local apenas para verificar se os protocolos estavam sendo cumpridos.

Já passa das dez horas da manhã e até o momento uma pessoa entrou para treinar. Passou pela recepção, seguiu em direção a sala das esteiras. Passou por mim e pelo professor da sala de musculação e apenas fez um sinal com a cabeça. Ambos não reconhecemos, pois estava de máscara [...]” alguns minutos mais tarde, Antônio chegou no local para averiguar se os protocolos estavam sendo respeitados. Nas palavras dele: “Só vim dar oi de longe, ainda não me encorajei para voltar com essa ‘porcaria’ solta por aí. Vocês sabem que os velhos vão primeiro, né?! Eu tenho 81 anos, mas ainda não quero ir (DC, 10/02 de 2021).

Entre o período de maio de 2020 até 27 de fevereiro de 2021, ainda houve alguns casos de fechamento (por poucos dias) e/ou aumento nas restrições devido aos critérios governamentais (superlotação de hospitais, aumento no número de casos, risco de colapso do sistema de saúde). Em caráter mais definitivo, o decreto Nº 55.771, de 26 fevereiro de 2021 determinava a suspensão total das atividades da academia.

[...] diante do agravamento da pandemia causada pelo novo Coronavírus (COVID-19), em caráter extraordinário e temporário, a aplicação, com caráter cogente, no âmbito do Estado do Rio Grande do Sul, de medidas sanitárias segmentadas referentes à Bandeira Final Preta, bem como a suspensão da possibilidade, de que tratam os §§ 2º e 5º do art. 21 do Decreto nº 55.240, de 10 de maio de 2020, de os Municípios estabelecerem medidas sanitárias segmentadas substitutivas às definidas pelo Estado (Rio Grande Do Sul, 2021).

Destacamos que o fechamento ocorrido em fevereiro de 2021 foi bastante significativo no processo da pesquisa. Passados quase um ano do início do primeiro fechamento, em maio de 2020, apesar das restrições, o sentimento de insegurança parecia se dissipar dia a dia através de uma ideia de um ‘novo normal’. No entanto, considerando o decreto implementando a “Bandeira Final Preta”, através de um comunicado postado no *Instagram* foi informado que a Academia precisaria fechar novamente devido à necessidade de agravamento das medidas de enfrentamento e combate ao (COVID-19), em todo território municipal, fazendo reascender a falta de esperança.

Conforme o passar do tempo, o jargão do ‘novo normal’, que dizia sobre a própria noção de ‘segurança’ atrelada à pandemia, foi sendo incorporado pelas pessoas,

assim como algumas das obrigações impostas pela pandemia. Foram muitas as mudanças e os cuidados para que as pessoas retornassem à prática de atividade física naquele ‘lugar fechado’, para que o empreendimento se mantivesse minimamente viável. A hidroginástica, por exemplo, que antes era ‘o carro-chefe’ dos serviços ofertados na piscina, passou a contar com menos de cem alunos ativos no ano de 2021. Isso porque as pessoas idosas – número de alunos mais significativo nessa modalidade – foram as mais afetadas pelas restrições relacionadas à idade e à presença de casos com comorbidades. Uma das alternativas adotadas para as modalidades aquáticas foi a redução no tempo de aula de 55 minutos para 45 minutos, além de um intervalo maior entre as aulas com o intuito de não haver aglomeração nos vestiários.

Nesse período após a segunda reabertura, preocupado com ‘a segurança’, Seu Elton, um dos poucos homens a frequentar a hidroginástica, afirmou que “por ele voltaria para a aula”, mas o filho não achava seguro naquele momento. Recuperamos um excerto de uma das anotações daquele ano, em que conversamos com esse aluno. Naquele momento, ele salientou que pensava em retornar para a prática, mas ia constantemente tomar café no bar da academia durante as manhãs:

[...] ainda não voltou para a hidro, seu Elton?

Elton: Meu filho não deixou. Disse que posso fazer musculação porque tenho mais controle da higienização. Mas eu não gosto de ficar ali, sou muito alto e fico me batendo nos equipamentos. Eu gosto da água. Então vou esperar um pouco mais, pelo menos até ter tomado todas as doses da vacina (DC, 18/06 de 2021).

Essa noção de ‘segurança’, que possibilitava a continuidade de vivência das práticas na Academia e pela sobrevivência do empreendimento de negócios, implicava em operações e comprovações em termos de distanciamentos dos corpos, evitação dos contatos (apertos de mãos, abraços, beijos), mudanças nas formas de comunicação, uso de equipamentos de proteção individual (destaque para as máscaras), assepsia dos

corpos, do ambiente e dos equipamentos utilizados nas aulas. Isso tudo, como procuramos mostrar a seguir, esteve imbricado com mudanças nas relações afetivas numa Academia vivida por muitos como ‘uma família’. Nesse sentido, a descrição da aluna Priscila era bastante verossimilhante.

Eu falei, para a Daniele [colega de musculação], ainda bem que a Academia não fechou [aqui no sentido de encerrar o empreendimento], é o único lugar que venho, porque que tem esse bar e que as pessoas são bem diferentes em faixa etária, porque senão, fica aquelas Academias de maromba e só ficam falando de suplemento e treino. Essa Academia é democrática, tem de tudo [risos]. Aquelas duas [*personal* e aluna], só falam de *Instagram* e cirurgia plástica. É muita futilidade. Será que elas não entenderam que isso aqui é uma Academia de família, a gente fala de doença, de filho, de briga com marido. Coisas da vida real (DC, 16/08 de 2021).

Controvérsias Sobre o Descuido e o Relaxamento

A noção de ‘segurança’ descrita acima, como construção social e cultural atrelada à pandemia, não representava uma ideia de consenso e de linearidade no universo estudado. Tal situação foi vivida de maneira bastante diversa entre os frequentadores da Academia. A questão, no presente estudo, foi compreender essa situação, pois não raramente, para alguns, o uso da máscara era visto como algo essencial e o uso incorreto era motivo de discussões e julgamentos pelos demais. Para outros, não parecia ser indispensável, o que gerou algumas reflexões para a pesquisa.

Apesar dos vários cartazes espalhados pelo local alertando sobre a obrigatoriedade dos protocolos, alguns constrangimentos foram observados entre os alunos e alunas, como numa manhã em que uma mulher ao chegar na sala das esteiras, percebeu que um homem corria sem a máscara. Ao constatar tal ato, dirigiu-se ao professor que estava no andar de baixo e pediu que ele intervisse porque era, segundo ela, uma “questão de saúde pública!”. Diante dessa interjeição de ordem, apesar de constrangido, o professor pediu que o aluno colocasse a máscara. Esperamos o final do

turno para conversar com ele sobre mais essa responsabilidade laboral. O professor destaca sua indignação:

Todo dia tem alguém que não quer usar a máscara ou fica treinando com ela no queixo. Se eu vou ali falar alguma coisa, já me encham de informação sobre política e que a vacina não foi comprovada [...] eu acho que essas pessoas têm que ir correr na rua, sei lá, treinar aqui no [nome Parque Público nas proximidades da Academia] (DC, 21/06 de 2021).

Relacionado à noção de ‘lugar seguro’, num contexto de pesquisa ‘na pandemia’, por vezes imerso em discussões e constrangimentos como esses, nos foi necessário – no sentido do estranhamento das práticas etnográficas – olhar para as controvérsias acerca das relações afetivas demonstradas através de práticas de ‘descuidos’ e de ‘relaxamentos’ frente às demandas de ‘segurança’. Ao transitar pelas modalidades pesquisadas e vivenciá-las com os interlocutores, foi possível perceber que as interações se apresentavam de maneiras bastantes diversas. Havia pessoas muito comprometidas com a noção de ‘lugar seguro’, como a descrição da aluna na sala de musculação:

É possível identificar uma senhora que utiliza o próprio kit de higiene para fazer a limpeza dos materiais, pois são de cores e formato diferente dos que usamos no local. Limpou as luvas descartáveis com muito álcool repetidas vezes, assim como os materiais que utilizou. Tentei uma aproximação a fim de conversar um pouco, mas a aluna pareceu desconfortável. Optei por me afastar e voltar para o bar, de onde consigo observar, mas sem interagir muito. O professor está no centro da sala, parado, com os braços para trás, sem conversar com ninguém, apenas observando. Quase trinta minutos depois, a senhora deixou a sala de musculação, dirigiu-se até o vestiário. Retornou sem as luvas, pediu um café no bar. Seguiu sem conversar. Por fim, retirou mais duas máscaras limpas de um pacote que estava na sua bolsa e foi embora, avisando que pagaria por PIX [meio de transferência financeira instantânea], para não encostar em dinheiro (DC, 12/07 de 2021).

Na musculação, frequentemente o toque corporal e até mesmo uma conversa mais próxima causava certa repulsa, que nos fez destacar que o receio ou medo estavam implícitos nos discursos daquela modalidade. Embora não externado todas às vezes, os comportamentos recorrentemente observados demonstravam o receio do toque e da proximidade.

Essa identificação, entre as pessoas que viviam a academia, de que ‘tem gente que não cuida’ habitava as conversas. Algumas vezes a perspectiva de falta de comprometimento com o distanciamento e com a higienização deflagrou divergências e discussões. Uma divergência representativa disso, registrada em diário de campo, foi o descontentamento de uma aluna da turma de zumba que, durante a aula, optou por sair da sala porque as colegas tiravam a máscara, se abraçavam e se beijavam.

Se for assim sempre eu não volto mais. Eu trabalho na área da saúde, as pessoas não têm ideia do caos que está. Me falaram que aqui todo mundo usava máscara, mas chega ali dentro se transformam. Ficam se abraçando e se beijando, mas ainda não é o momento [...] (DC, 03/08 de 2021).

Diferente dessa postura que acentuava a noção de ‘lugar seguro’, outras pessoas – aquelas que ‘se transformavam ali dentro’ –, embora reconhecessem sua importância, ‘roubavam um pouquinho’, como descrito abaixo, ao também observarem práticas e descuidos ou de relaxamentos acerca dos protocolos, como uma espécie de autorização, liberação para fazer também. Exemplo disso ocorreu durante um dos treinos de musculação, na conversa do professor de musculação e de uma aluna que estava fazendo agachamento com barra livre. O assunto dos dois, sobre a máscara, não era mais a respeito da sua obrigatoriedade e sim, ela possuir algum tecido confortável para o verão e para os treinos aeróbicos.

Aluna: [...] vou te dizer que eu já me acostumei. A minha única preocupação é quando chegar o verão, porque eu sou muito, está louco, mesmo no treino de força eu saio pingando suor. Já pedi para a minha mãe fazer umas de tecidos [...]

Professor: Mas aí não vale. Para proteger precisa ser as N95, senão, não adianta.

Aluna: Eu sei, mas todo mundo **rouba** um pouquinho. Lá em cima (sala de treinamento aeróbico) eu vejo um monte de gente tirando a máscara para correr e ninguém faz nada. Duvido que todo mundo limpe a esteira quando sai de lá, aí, não adianta também. (DC, 07/06 de 2021, grifo nosso).

Nesse momento da pesquisa a que se refere o excerto de diário de campo, em meados do ano de 2021, para muitos dos que frequentavam a Academia, a vacina era motivo de esperança, criando condição para o entendimento de que poderiam voltar a

sua rotina de normalidade sem depender das máscaras ou de outros cuidados adicionais (distanciamentos, assepsia etc.). Não foram poucos os alunos e alunas que esperaram pelo menos a primeira dose da vacina para retornar, como a Elena. Segundo ela:

[...] eu não aguentava mais ficar em casa. E esse [palavra de xingamento] do presidente atrasando a compra das vacinas. Eu estava ‘me coçando’ para voltar para o pilates e para a musculação, mas meu marido é acamado. Fiquei com receio por ele. Mas agora que já tomei a primeira dose, ninguém me segura (DC, 09/06 de 2021).

Havia, também, aqueles que desdenhavam da pandemia e da vacina como possibilidade de superá-la. Embora a situação tivesse um caráter obrigatório sobre o uso da máscara, foi observado muita resistência ao uso correto desse acessório. Durante a prática da atividade física é comum a ingestão de água nos intervalos de descanso. Com isso, percebemos que algumas pessoas usavam desse intervalo para permanecer com a máscara no queixo ou no pescoço. Um momento bastante significativo foi quando uma *personal trainer*, visivelmente incomodada com seu aluno que estava usando a máscara de forma incorreta, tratou de levá-lo para sala de ginástica. Imaginamos que para ‘fugir’ do fluxo maior de movimento na sala de musculação. Entretanto, algumas pessoas já haviam se incomodado com a postura daquele aluno em outros momentos. O desenrolar da situação acabou com uma discussão na sala de ginástica quando outro aluno tratou de tirar satisfação:

Aluno 1: Gostaria de pedir a gentileza de vocês [personal e aluno] colocarem a máscara por favor [a personal estava de máscara]. Vocês devem saber que estamos enfrentando uma pandemia e que o uso correto da máscara é necessário.

Personal: Sim.

Embora a profissional tenha tentado seguir com o treino, a conversa ganhou ‘ares’ de discussão.

Aluno 2: Muita gente fica sem máscara lá em cima. Por que tu vieste falar só comigo?

Aluno 1: Porque eu já falei ali na frente que tu não usas a máscara direito, não traz toalha e fica falando que é contra vacina.

Aluno 2: E o que tu tens a ver se eu sou contra a vacina ou não?

Aluno 1: Nada. Mas, se tu queres frequentar a academia precisa cumprir a regra.

Personal: Certo, estamos de acordo. [tentando acalmar os ânimos].

O Aluno 1 voltou para a sala de musculação.

Aluno 2: Vou colocar em respeito a ti [personal] mas achei um desaforo ele ter falado só para mim.

Personal: Mas, tu sabes que tem que usar. Acabou me comprometendo (DC, 02/06 de 2021).

Com essas descrições da experiência de campo, queremos destacar que os comportamentos e atitudes oscilavam bastante entre o ‘relaxamento’ e o ‘descuido’ (o ‘roubar um pouquinho’), deliberados ou não, com diversos argumentos. Inclusive, para alguns e algumas com os/as quais convivíamos na Academia, a vacina era um experimento sem comprovação científica, mas ao mesmo tempo, eles e elas seguiam todas as regras do distanciamento social com medo de contaminação, porque, de fato, existia a possibilidade de contágio. Também presenciamos a ‘falta de cuidado’ com os protocolos, justificados por uma imunidade sem precedentes, como afirma uma senhora praticante de zumba.

Eu fui para a praia no verão com meu marido e com a minha filha. Viajamos horas juntos num carro fechado. Paramos para lanchar, tomamos chimarrão nós três. Na praia a minha filha ficou agarrada em mim, porque alguns dias choveu lá e nós ficamos trancadas em casa. Só que assim, chegando aqui, ela e o meu marido positivaram e, eu não. Então, eu não vou me vacinar. Se fosse para ter pegado a COVID, já tinha me contaminado (DC, 25/06 de 2021).

Passados vinte e dois meses do início de um dos maiores desafios sanitários da humanidade e sem uma perspectiva de um final, compreendíamos, com a pesquisa em andamento, que esta seria uma ‘etnografia na pandemia’ e não uma pesquisa ‘apesar da pandemia’. Isso nos levou (no sentido de ser e estar impactado pelo/no trabalho de campo) a estranhar e olhar atentamente para a noção de ‘segurança’ como chave interpretativa. De um lado, apreendemos que a academia como um ‘lugar seguro’ era uma construção atrelada aos imperativos da pandemia, mas, por outro, com os relatos das práticas de descuidos, das ‘roubadas’, dos relaxamentos acerca dos protocolos, estávamos diante de riscos que faziam sentido diante de outra noção de cuidado e de

acolhimento. Optamos por aprofundar e explorar um pouco mais disso trazendo descrições etnográficas de duas interlocutoras representativas de como essas noções de cuidados eram constituídas e conviviam, não sem controvérsias. Nos referimos às alunas Mari e Dalva.

Marilda: “Isso Aqui é de Utilidade Pública”

Se por um lado algumas atitudes de ‘segurança’ e de ‘manutenção’ da Academia eram de responsabilidade da gerência, sem que se pudesse intervir muito dadas as restrições, por outro, a colaboração dos alunos e das alunas envolveu mostrar carinho e cuidado entre si e especialmente para com os professores e as professoras, consolidando uma ideia de que, juntos, poderiam manter o local aberto dada a importância dos vínculos que se estabeleceram ao longo de anos de convivência e trocas, conforme demonstrado por uma aluna em uma conversa:

[...] eu disse para as gurias, isso aqui é de utilidade pública, só faz bem para a nossa vida. **Todas as minhas amizades são daqui da Academia, fora daqui eu não tenho ninguém.** Nós passeamos, viajamos, temos o nosso grupo e, é muito importante manter esse vínculo de afeto. Fora daqui eu não tenho ninguém. A filha e o neto estão longe. Então, eu vejo e convivo com pessoas porque tenho a Academia (DC, musculação, 18/02 de 2022, grifo nosso).

Marilda ou “Mari” como é conhecida, e que afirma que a Academia é de “utilidade pública”, é uma senhora de 72 anos, frequentadora do espaço desde o ano de 1996, portanto, considerada uma parceira do empreendimento. Participa de forma ativa nas aulas de zumba, hidroginástica, pilates de aparelhos e ainda faz musculação.

Anteriormente ao fechamento ocorrido em março do ano de 2020, Mari costumava praticar, além das atividades citadas, ioga, alongamento e pilates de solo. Essas atividades não voltaram para o quadro de horários das aulas coletivas em função do corte de gastos, e essa decisão estava gerando descontentamento de algumas pessoas.

Numa tentativa de apaziguar a situação, essa aluna afirmou que era preciso “[...] ter paciência, porque está difícil para todo mundo e é preciso manter quem ficou até aqui” (DC, musculação, 18/02 de 2022).

A crise financeira do empreendimento, associada ao enfrentamento da pandemia, acarretou uma série de mudanças na dinâmica do local. O cancelamento de algumas das modalidades coletivas foi o início de um conjunto de restrições. O enfrentamento da pandemia trouxe muitos desafios à gestão, aos professores e aos alunos. Diante disso, Mari foi protagonista em defesa do local, bem como dos professores e professoras que tiveram suas rendas afetadas. Assim que houve o primeiro fechamento, em março de 2020, ela optou por continuar pagando a mensalidade para que os funcionários não fossem prejudicados. Na época, aderiu a quase todos os programas de treinamento *online* criados às pressas pelos professores, para “dar uma força” e ajudar como podia.

[...] durante a pandemia **eu não abandonei a Academia** e segui pagando a mensalidade. Além do mais, defendo isso aqui quando alguém reclama da limpeza ou da falta de manutenção, porque eu entendo que ter um negócio hoje em dia com uma pandemia, não é fácil (DC, musculação, 18/02 de 2022, grifo nosso).

Sua vontade de ajudar era percebida no discurso empático de esperança em dias melhores, através de conversas otimistas como esta ocorrida numa manhã: “[...] gente, quando me perguntam se está tudo bem? Eu respondo que sim, porque a gente precisa se esforçar para estar bem” (DC, recepção, 9/2 de 2022). Além da empatia, a solidariedade é compreendida nos atos ‘de cuidado’, no esforço, em amparar e valorizar os funcionários, colegas e professores conforme destacamos nesse excerto:

Para a Mari, as demonstrações de afeto através de abraços e beijos era tão importante que os protocolos sanitários ficavam em segundo plano. Embora ela usasse a máscara, era contra a vacina e mantinha um discurso considerado por muitos como controverso, sobre a prerrogativa do “precisamos voltar a viver”. Ela não escondia dos

pares com os quais convivia na Academia que não pretendia se vacinar, que faria se preciso, mas apenas em último caso. Nas palavras dela: “[...] gente, eu não acredito nessa vacina. Acho que todo mundo mais cedo ou mais tarde vai pegar essa porcaria” (DC, 14/02 de 2022). Fortalecendo essa narrativa negacionista a respeito da vacina, foi uma das alunas que mais comemorou a não obrigatoriedade da máscara em local fechado.

Voltar a viver nos dizia que, embora ‘a segurança’ como imperativo da pandemia fizesse sentido como modo de fazer viver, ela se relacionava, muitas vezes de maneira tensa, imersa em constrangimentos, com outras noções de cuidado cultivadas naquele universo, em alguns casos, por anos de convivência. Exploraremos um pouco mais sobre isso com descrições relacionadas à aluna Dalva.

Dalva: “Minha Dose de Carinho Diário”

A Dalva, tal como aprendemos no decorrer da pesquisa na Academia, é aquele tipo de pessoa que todo mundo gostava de ter por perto. De fala mansa, tom suave é uma figura bastante conhecida por todos. Chegou na Academia em 1998. Desde então, sempre frequentou as aulas de hidroginástica. Costumava circular em todas as turmas e horários. Ao ser questionada sobre qual a melhor aula, desconversa e não ‘toma partido por ninguém’, “eu gosto de todas e cada professor teu seu jeitinho”, afirmou. Ela tem 69 anos, caminha com um pouco de dificuldade, mas nunca ouvimos reclamações sobre isso. Pelo contrário, era comum observá-la alegre e comunicativa.

Quando ocorreu o primeiro fechamento da Academia ela ficou bastante abalada. Quando retornou depois de um ano e cinco meses afastada seu relato foi comovente: “[...] hoje, me emocionei. Chorei de verdade. Pegar essa sacolinha aqui [uma bolsa

personalizada com a logomarca da academia] e colocar meu maiô e as coisas do banho. Meu Deus, isso é vida depois de tudo que passamos” (DC, 27/08 de 2021). Passados alguns dias desse relato, ficou bastante entristecida com o baixo número de alunos que estavam frequentando as aulas. Embora externasse sua preocupação pela saúde de alguns colegas que tinha notícias, comprometeu-se junto à gerência de que faria contato com as pessoas mais antigas para que retornassem. O trecho abaixo do diário de campo ajuda a compreender esse lugar e envolvimento da Dalva:

Hoje cheguei na piscina um pouco mais tarde. A Dalva perguntou por que eu não assisti a aula de hidroginástica, me disse que a turma havia sentido a minha falta. Nesse momento, as outras senhoras já haviam saído da piscina após a hidroginástica. Apenas a Dalva permaneceu. Perguntei como estava a aula. Ela me respondeu que estava ótima, que tocou Roberto Carlos e Roupas Nova. Não entrei na piscina. Tomei meu lugar de sempre, em uma cadeira de plástico, que fica próxima aos espagueteiros e outros materiais aquáticos. A intenção era observar as próximas duas aulas de natação (17h10 e 18h10). Optei por não conversar com a aluna, pois me parece, que aqueles minutos que permanece na água após a hidroginástica, é um momento de reflexão e conexão. ‘O relógio batia’ 17h15 e nenhum aluno, até então, chegou para aula. Somente a mesma senhora na piscina. O professor mexia em seus materiais particulares. Vi que pegava um lanche em sua mochila, para comer na parte dos fundos da piscina, um lugar mais reservado para eventos, com mesa, cadeiras, geladeira e forno micro-ondas. 17h20 quando a Dalva saiu da piscina com um pouco de dificuldade. Enrolou-se na toalha e veio até a minha direção.

Dalva: [nome da pesquisadora], a mulherada está voltando aos poucos. Algumas estão preocupadas com a saída da [nome da antiga professora], mas eu tenho insistido para que retornem, que deem uma chance para esse professor da tarde, porque ele é muito bom. Tu viste que a [antiga professora] se pronunciou no grupo? [de WhatsApp].

Pesquisadora: Não vi. Eu não estou naquele grupo.

Dalva: Sim, ela disse que está muito feliz cursando nutrição. Sente a nossa falta, mas que já tinha ideia de fazer outra faculdade. A pandemia só acelerou esse processo. Falou que o [nome do gerente geral] foi muito correto com os funcionários quando a academia precisou fechar e quando puder ela vem nos dar um abraço.

Dalva: Aproveitei a fala dela para chamar as antigas alunas. Eu disse que é hora de voltar, formar aquele nosso grupo maravilhoso de sempre. Ser o que era antes. Não podemos perder nosso convívio.

Pesquisadora: Sim, algumas pessoas ainda têm receio, mesmo com a vacina.

Dalva: Algumas alunas até querem voltar para a academia, mas os filhos não deixam (DC, 18/05 de 2022, grifo nosso).

A partir da aproximação com as modalidades aquáticas no ano de 2022, foi possível perceber que a Dalva era a única pessoa que tinha acesso à piscina antes do início da aula de hidroginástica. Costumava chegar alguns minutos antes e até iniciar a

aula ficava fazendo algumas braçadas de forma livre. Pelas orientações e protocolos da gerência, era possível acessar a piscina apenas no momento da aula, como modo de evitar algum acidente caso alguém estivesse ‘fazendo raia livre’⁶. Porém, esse protocolo não se aplicava à Dalva, tendo em vista o engajamento e a defesa dela em relação a Academia somado aos anos de convivência. E, num desses momentos antes da aula, quando as pessoas diziam entrar na piscina para ‘sentir a água’, foi travada uma conversa com a Dalva, na qual ela narrou um pouco da importância da atividade física e da Academia para algumas senhoras:

[...] Dalva: Queres aproveitar mais a água também?

Pesquisadora: Sim, está uma delícia!

Dalva: Que bom que você fará aula conosco hoje. Acho que não terá muitas pessoas nessa tarde, pois está caindo o mundo lá fora. Eu pensei muitas vezes antes de sair de casa, aliás, da cama (risos). Como ontem foi feriado, e a academia não abriu, não quis ficar sem minha dose de carinho mais uma vez.

Pesquisadora: Acredito que seja uma ótima alternativa considerar a atividade física uma dose de carinho.

Dalva: Sim, depois que tive o câncer, muita coisa mudou na minha vida. Eu costumava ser muito sistemática e organizada. Eu não saía de casa se não tivesse tudo no lugar. Depois do câncer, passei a me priorizar. Algum tempo atrás li o livro “A carícia essencial”, do Roberto Shinyashiki, e passei a me priorizar muito, me valorizar e ser a pessoa mais importante para mim mesma. Por isso, eu não espero o melhor dia ou a melhor ocasião para fazer algo por mim, eu aproveito cada segundo que tenho.

Pesquisadora: Há Quanto tempo você está curada do Câncer?

Dalva: Há mais de vinte anos. Hoje eu ajudo diariamente as mulheres que estão passando pelo que eu passei. De muitas maneiras podemos ajudar, seja com a experiência de quem já teve a doença ou mesmo com palavras de apoio nas horas difíceis (DC, 17/06 de 2022, grifo nosso).

A batalha de Dalva contra o câncer não era segredo entre as turmas que transitava. Há alguns anos, durante o mês de outubro, se observava ela engajada em várias atividades de conscientização e prevenção da doença, inclusive na Academia. Apesar da articulação de alguns professores e equipe diretiva, o protagonismo da organização do outubro rosa⁷ era, sem dúvida nenhuma, mérito de Dalva. Assim como ela, outras senhoras que fazem hidroginástica enfrentaram a doença e, de alguma

⁶ Nadando de forma autônoma, individual ou em duplas.

⁷ Movimento Internacional de conscientização sobre o câncer de mama.

maneira, isso as unia. Não por acaso, pois sua postura é acolhedora e amável. Durante as observações, muitos momentos foram observados e registrados, nos quais sua preocupação em cuidar foi demonstrada com muito carinho.

O caso da Dalva é representativo do fato de que a Academia era, antes da pandemia, um lugar de ‘cuidado’, de ‘segurança’, mas um tipo de cuidado que dependia de proximidade, carinhos expressados em/por contatos corporais (beijos, abraços, apertos de mãos etc.). Era essa segurança que Dalva manifestava e fazia esforço para produzir nas relações. Dalva representava ‘essa segurança’ de estar junto, de ‘não perder o convívio’, de não ficar sem ‘a dose diária de carinho’ que permeava o exercício das práticas corporais.

O que essas descrições relacionadas às experiências etnográficas com a Mari e a Dalva ensinaram foi que a Academia era um lugar de ‘cuidado’ distinto daquele constituídos diante dos imperativos da pandemia. Contudo, esse ‘outro cuidado’ implicava relações e significados distintos a respeito de práticas e manifestações de carinho, entre elas abraços, beijos, apertos de mão, estas, de certa forma, condenadas e enfrentadas como um problema, não sem sentido, nos períodos de enfrentamento da pandemia.

Entre a Segurança em Risco e o Risco da Segurança

Apesar de as autoridades científicas manifestarem apelo para que as pessoas ficassem em casa, bem como campanhas midiáticas afirmando que as academias de ginástica estavam entre os estabelecimentos mais propícios a contaminação, algumas pessoas quiseram retornar para a Academia. Com isso, sustentamos que, no universo empírico da pesquisa, a construção da noção de segurança se apresentou como uma

chave interpretativa significativa para compreendermos as emoções implicadas no muito além dos 45 minutos de aula.

Na linha do que argumenta Le Breton (2009), a respeito de uma antropologia das emoções, tomamos ‘a segurança’ como um fenômeno que, evidentemente, envolve dispositivos fisiológicos e psicológicos, mas que não se distanciam de esquemas de culturas afetivas incorporados e mobilizados nas situações pelas pessoas segundo suas trajetórias. Nas palavras do autor:

[...] As emoções nascem de uma avaliação mais ou menos lúcida de um acontecimento presenciado por um ator provido de sensibilidade própria. Elas são pensamentos em ação dispostas num sistema de sentidos e de valores. Enraizadas numa cultura afetiva, elas também se exprimem mediante uma linguagem gestual e de mímica, que pode, em princípio, ser reconhecida (a menos que o indivíduo dissimule seu estado afetivo) pelos integrantes de seu meio social. A cultura afetiva oferece os principais esquemas de experiência e de ação sobre os quais o indivíduo tece suas condutas de acordo com sua história pessoal, seu estilo e, notadamente, sua avaliação da situação. A emoção experimentada traduz a significação conferida pelo indivíduo às circunstâncias que nele ressoam. É uma atividade de conhecimento, uma construção social e cultural, a qual se torna um fato pessoal mediante o estilo particular do indivíduo (Le Breton, 2009, p. 12-13, grifo nosso).

Num exercício de substituir a palavra emoções acima por uma expressão específica dela, a de segurança, tal como viemos descrevendo, avançamos nossas análises e reflexões sobre a compreensão da cultura afetiva vivenciada e construída com as pessoas no decorrer da investigação na Academia. Nesse sentido, como esquemas de cultura afetiva, compreendemos, por um lado, ‘a segurança’ como práticas e linguagens de cuidado por aproximação, constituição de duplas, redes, grupos de trocas, solidariedade, proteção, cuidado, carinho, acolhimento, fundamentalmente uma orientação social que se expressa no bem-estar individual.

Não por acaso, fomos observando e incorporando no cotidiano da pesquisa as necessidades de: ‘se transformar’ quando se entrava na Academia/Aula, ‘relaxando um pouco’ em relação às preocupações externas; de ‘roubar um pouquinho’ quando se trata

de usar os equipamentos de proteção individual, de limpar os equipamentos e implementos utilizados; de valorizar as ‘amizades da Academia’, não abandonando-as, sejam elas colegas ou funcionários, de ajudar como pode; de manter as conversas em dia, de engajar-se na construção de um olhar positivo para voltar a (con)viver e a sorrir, de ter a dose diária de carinho, de conversar, afinal ‘bater papo’ também é um exercício tão importante quanto os demais.

De outro lado, como esquemas de cultura afetiva na Academia, compreendemos ‘a segurança’ como práticas e linguagens também de cuidado, mas estas marcadas por imperativos e constrangimentos de distanciamento social para evitar a contaminação com vírus Sars-COV-2, por demandas de institucionalização e operacionalização de protocolos de assepsia nas/das trocas, engajamentos nas dinâmicas de vigilância, implicados por preocupações, desconfortos e constrangimentos. Diferente do entendimento descrito anteriormente, essa ‘segurança’, como esquema de ação de uma cultura afetiva, colocava o peso da orientação e responsabilização individual para que isso se manifestasse na proteção que não se esgotava na própria pessoa, mas ressoava, fundamentalmente, na saúde coletiva.

Fato este que pôde ser observado na incorporação de outras maneiras de vivenciar a Academia, entre eles de ‘ir rapidinho e não precisar revezar aparelho’. E, para possibilitar e garantir essa nova maneira de viver aquele espaço, houve implicações que precisaram ser gerenciadas por questões operacionais, porque, além das novas aprendizagens nas práticas corporais envolvendo fazer um treino mais curto ou não revezar aparelho, que dizia sobre o ato de manter distância, foi preciso aprender, ou pelo menos tentar, se comunicar sem tocar, abraçar ou beijar as outras pessoas.

O indivíduo estava lá, na Academia, reprimido e vigiado. Precisou gerir suas emoções, ser controlado e, de certa forma, foi impedido de vivenciar experiências que lhes eram caras, como uma aula de hidroginástica, por exemplo. A demonstração do sentimento de frustração de Elton (aluno dessa modalidade) ao narrar que gostaria muito de seguir na Academia, mas que o filho não o deixava. Impedido de vivenciar a atividade, ele relutava em perder os vínculos sociais, como a aluna Dalva que, da mesma forma, relutava em perder suas ‘doses diárias de carinho’. Foi preciso introduzir outros hábitos naquele local, e produzir novas maneiras de se comunicar. Sobre esse ponto, salientamos que a comunicação foi um elemento bastante afetado e isso está diretamente vinculado à gestão dos corpos naquele espaço.

Tomando emprestada a afirmação de Le Breton (2019, p. 124) de que “[...] não é o corpo que se emociona, mas o sujeito [...]”, sustentamos que a etnografia nos mostrou que não foi o corpo que sentiu seguro e sim, as pessoas. Em que pesem os esforços assépticos dos corpos, dos espaços e dos equipamentos, para que a dinâmica do toque, dos beijos e dos abraços fossem gerenciadas, as reações afetivas não puderam facilmente ser contidas. As relutâncias, os relaxamentos, as ‘roubadinhas’, nos mostravam que a ‘segurança’ dos corpos na sua orientação e responsabilização individual, preocupada com a saúde da própria pessoa e da coletividade, convivia com ‘a segurança’ de orientação social que se expressava no bem-estar individual.

Isso nos levou a interlocução com outro trabalho de Le Breton, especificamente a sua antropologia dos limites (Le Breton, 2022), em especial das práticas de riscos, como uma forma de enfrentamento do mundo apostando não na morte, mas na qualificação da vida. Era possível, em muitas situações no cotidiano da pesquisa, afirmar que a vivência ‘da segurança’ na Academia fosse a expressão de riscos. Não

raramente, foram observadas situações nas quais as pessoas se colocavam em risco para não perder os vínculos emocionais resultantes da prática de atividade física e do convívio social. Ou seja, há, seguindo o mesmo entendimento de Le Breton (2019), uma ambivalência na própria noção de segurança, pois os instrumentos do conforto podem, por vezes, se transformar em fontes de incertezas e semeiam uma série de perigos, mas isso não impede as pessoas de viver. Elas, nos seus cotidianos de vida, segundo suas trajetórias, fazem suas avaliações e escolhas.

A ideia de risco na perspectiva de Le Breton (2009) é orientada pela afirmação de que as incertezas da existência individual sempre transitam entre a vulnerabilidade e a segurança, o impulso e a sensatez. Nesse sentido, o risco pode assumir diferentes nuances, no entanto, duas diretrizes são importantes salientar: a vulnerabilidade é uma resultante da exposição do indivíduo ao perigo sem que se possa ter controle da situação; já as condutas de risco são situações provocadas e acabam por colocar deliberadamente o indivíduo em situação de perigo social, emocional ou físico. Nos parece, assim, que a gestão das emoções na Academia, transitou pela vulnerabilidade da possibilidade de contágio pela pandemia de COVID-19, mas também pelas condutas de risco, ao não utilizar a máscara de forma correta, ao abraçar e beijar.

Significados ‘da Segurança’ nas Teias de Sentimentos

Além de dizer sobre a ambivalência da noção de ‘segurança’ na Academia, passamos a trazer essa questão para os significados nas relações situadas. Isso porque uma das questões que fundamenta o campo da Antropologia das Emoções, segundo o pesquisador Mauro Koury (2014), envolve contrapor a lógica das análises sociais sistematizadas a partir de estruturas muito fixas e rígidas, especialmente aquelas que

acabavam por delegar de forma periférica, segundo o autor, as ações sociais individuais, bem como os atores sociais e, por consequência, suas emoções. Diferente disso, o esforço, do ponto de vista do ineditismo intelectual estaria, então, em compreender as interações em um contexto e/ou situação social específico, valorizando as interações e as relações dos e com os outros, numa espécie simbólica de **teia de sentimentos**, um emaranhado de experiência emocionais “sentidas e vividas por uma pessoa, que são produtos relacionais entre os indivíduos, a cultura e a sociedade da qual faz parte” (Koury, 2014, p. 9, grifo nosso).

Um dos exemplos de mobilização dessa estratégia investigativa sobre as emoções foi trazido pelo autor (Koury, 2020) a respeito de como se vivia e significava a crise sanitária ocasionada pela expansão do COVID-19, mas num cenário político-institucional crítico, no qual a própria presidência da república, seus ministros e aliados oportunistas viravam as costas para a nação, mobilizando, além disso, uma retórica negacionista repleta de informações falsas. Num ensaio (auto)etnográfico – classificação nossa –, mobilizando diferentes fontes empíricas (informações de veículos de comunicação, de *blogs*, de redes sociais digitais, dados de instâncias de governo e do aparato estatal, de centros de investigação e de estudos, de organismos internacionais, descrições de conversas com pessoas próximas, com trabalhadores e trabalhadoras informais, sobreviventes urbanos), o autor destaca o fenômeno social nacional de ter o coração em suspenso e apertado pela tragédia nacional.

A partir desse conjunto heterogêneo de fontes empíricas, nesse ensaio (auto)etnográfico Koury (2020), apontando para uma teia de sentimentos, analisa a insegurança, especificamente:

[...] a construção insegura de novas rotinas diárias de segurança pessoal e familiar, em que o medo, a ansiedade, a tristeza, e a desesperança são

tematizadas na ambivalência de um sentimento de culpa pessoal de não se ter certeza da saída da crise, associado a uma tentativa de “pensar positivamente” para não agravar a insegurança familiar (Koury, 2020, p. 13).

Numa das descrições de como essa teia de sentimento se entrelaça nas relações cotidianas, e de como isso ocorre de maneira distinta em relação a diferentes marcadores sociais, especialmente a dimensão de classe, o autor retrata uma nova rotina na condição de uma viúva com a solidão, fruto do distanciamento social e do falecimento do esposo, ‘por Covid’. Embora a entrevistada quisesse assimilar o luto de seu esposo, não pôde fazê-lo, pois precisou lidar com questões financeiras em busca de uma pensão, além de ter sido evitada pelos vizinhos na comunidade em que mora. O motivo da exclusão foi porque seu filho e neta estavam sob suspeita de terem contraído a doença.

Diante do exposto, passamos a desenvolver uma análise sobre as emoções, em especial ‘a segurança’, enredada pelas teias de sentimentos, colocando em destaque as relações como processos intersubjetivos, os quais se manifestam em sentimentos e emoções individuais imersos numa cultura afetiva, mas implicados pela situação da interação.

A partir das perspectivas de teia de sentimentos de Koury (2014), objetivamos uma aproximação analítica da etnografia ‘da segurança’, tendo em vista a ambivalência do cuidado, bastante experimentada no espaço da Academia ao longo da pesquisa, no período de enfrentamento da Pandemia. Olhando para as descrições etnográficas, e considerando a sua ambivalência, produzimos a Tabela 1, com o objetivo de apontar para a construção dos significados ‘da segurança’, mostrando elementos de uma teia de significados-sentimentos.

Tabela 1: Significados ‘da segurança’ na Academia

‘A SEGURANÇA’ EM RISCO	O ‘RISCO DA SEGURANÇA’
DISTANCIAMENTO O significado da segurança fundamentado no risco de infecção, nos imperativos de afastamentos sociais.	AGLOMERAÇÃO O significado da segurança atrelado à dose diária de convivência, carinho, contatos corporais.
ASSEPSIA O significado da segurança fundamentado na limpeza, nos protocolos, na rigorosidade.	RELAXAMENTO O significado da segurança atrelado à possibilidade de dar uma ‘escapadinha’, de relaxar.
ESFERA PÚBLICA O significado da segurança alicerçado na esfera pública (leis, consensos, autoridades sanitárias).	ESFERA ÍNTIMA O significado da segurança constituído nas esferas mais íntimas (grupos, amizades, turmas).
FRIVOLIDADE Porque implicava uma dimensão utilitária ou exterior ao que ‘fazia parte da Academia’.	ABSORVENTE Porque as práticas diziam quem ‘as pessoas’ eram naquele universo, quais eram seus lugares.

Fonte: elaborado pelos autores.

Além de nos dizer que ‘a segurança’ estava enredada num emaranhado de sentimentos-significados, esse quadro nos ajuda a compreender as situações cotidianas (relacionais) observadas. Ou seja, vale ressaltar que não é nosso objetivo dizer que as pessoas estavam num lado ou noutro, mas, diferente disso, enfatizar que a relação com o distanciamento (perigo de perder os laços sociais) e com a aglomeração (salvação pelas emoções) era algo com que se lidava o tempo todo e dependia fortemente das interações naquele espaço. Com o quadro, procuramos sublinhar que a gestão das emoções não podia ser compreendida de forma dissociada do que se vivenciava nas interações na Academia. Isto é, a imersão etnográfica – e aquilo que procuramos descrever na seção anterior deste trabalho – nos possibilitou compreender que a noção de ‘segurança’ era atravessada por nuances (teias). Por vezes, a mesma pessoa transitava entre o cuidado e o relaxamento. Ser cuidadoso ou ser descuidado não poderia ser um critério de classificação, porque para alguns, o uso da máscara era indispensável, mas optaram por não realizar a vacina. Mas se, por um lado, usar a máscara incorretamente (‘no queixo’) era descuido em alguns momentos, abraços e beijos eram permitidos em manifestações de carinho e saudade.

Não era possível, e nem mesmo apropriado, compreender ou interpretar as práticas e linguagens de ‘segurança’ como mais ou menos racional, porque o cuidado por uma assepsia corporal na musculação podia não ser o mesmo na aula de zumba, especialmente se ali o contexto de significados fosse mais absorvente. A declaração espontânea de uma aluna da modalidade ao extravasar ‘que chegam ali e se transformam’ nos parece verossímil para elucidar que construção da ‘segurança’ foi atravessada na esfera do público e do privado. Se por um lado, o perigo da contaminação exigia distanciamento dos corpos, sustentado por moralidades de leis, decretos, imperativos, por outro, a salvação amparava-se nas emoções, nos relaxamentos, nas afetividades do ‘roubar um pouquinho’, um senso de ‘segura mais emocional’ sustentado na esfera mais íntima.

Não se tratava apenas de ‘fazer musculação’ ou ‘fazer aula de zumba’, mas de saber quem eram as pessoas envolvidas na situação, as relações e os significados implicados. Não se tratava também de pessoas contraditórias, mas de alunas e alunos, de professoras e professores, de gestoras e gestores que, nas situações e relações cotidianas, transitavam entre ‘a segurança em risco’ (investimentos no distanciamento social, esforços de assepsia, orientação para a esfera pública e relações utilitárias) e o ‘risco da segurança’ (relutância em perder e investimentos nas oportunidades de estar junto, de relaxamentos, de intimidade, de momentos absorventes). Essas transições na teia de sentimentos-significados não estavam isentas de tensões, controvérsias e contradições. Apesar do perigo da contaminação, era também na intimidade dos grupos e dos vínculos que as pessoas construíram a ‘segurança’ em busca de retomar a confiança. Como no exemplo em que um aluno se dirigiu para a academia somente para ‘dar um oi’, ou na esperança da normalidade do ‘precisamos voltar a viver’.

Considerações Finais

Este trabalho foi iniciado a partir de uma observação de que as pessoas (alunos/as) que frequentavam a Academia tendo em vista algo ‘além’ das aulas (questões como cuidado e acolhimento eram frequentemente narrados). Ao longo do trabalho de campo, o estudo do cuidado e do acolhimento foi direcionado para a problematização do sentimento de ‘segurança’ como chave-interpretativa, isto é, como forma de tornar possíveis as relações, as práticas e até mesmo o próprio empreendimento. O propósito do trabalho foi compreender a construção desse sentimento de ‘segurança’ no universo de uma Academia de Ginástica de Porto Alegre no período de enfrentamento da Pandemia.

Depois de ter apresentado uma seção descritiva da experiência etnográfica a respeito do sentimento de segurança e depois de ter apontado um esforço de análise interpretativa, nos foi possível concluir que ‘a segurança’ como um fenômeno da cultura afetiva não podia ser compreendida como um conceito fechado, mas que estava em jogo, por vezes, em disputa no universo simbólico da Academia. Diferentes compreensões de ‘segurança’ eram colocadas em ação pelas pessoas para viverem a Academia no contexto pandêmico.

Para aprofundar esse entendimento acerca dessa ambivalência a respeito dos significados, passamos a explorar as articulações com as noções de teias de sentimentos e de significados. Chegamos à conclusão de que a ambivalência ‘da segurança’ na Academia estava implicada por deslizamentos entre teias de significados e sentimentos, que representamos, de um lado, na forma de ‘segurança em risco’ e, de outro, no ‘risco da segurança’, sem o propósito de adjetivar como boas ou ruins. Além disso, vale o destaque de que o objetivo não foi criar uma dualidade (entre), mas propor um

emaranhado de significados e de sentimentos nos/com os quais as pessoas se situavam para viver a Academia no contexto pandêmico. A própria experiência emocional de ‘segurança’ poderia ser distinta para a mesma pessoa, de acordo com a situação relacional e as interações vividas na Academia.

As práticas de ‘segurança’ em meio a uma pandemia foram vividas a partir de uma cultura emotiva que transitava por duas lógicas: ‘do cuidado e do relaxamento’ e, nesse caso, as duas foram importantes para sustentar a academia como um lugar ‘seguro’. Porque as escolhas em relação ao distanciamento social dependiam das interpretações individuais entrelaçadas com as relações sociais. Não por acaso, quanto mais denso, maior era o envolvimento emocional nas relações, no engajamento nos grupos de práticas corporais, e, portanto, maior era a pré-disposição a correr ‘riscos’, porque no ‘risco’ havia a possibilidade de vivenciar as emoções mais ‘absorventes’.

Chegamos a essas conclusões entendendo, como afirma Le Breton (2019, p. 124), que “[...] não é o corpo que se emociona, mas o sujeito [...]”. A partir disso, reforçamos que os sentidos e significados experimentados nas aulas/modalidades na construção da ‘segurança’, não se limitavam a prática corporal da atividade no tempo presente, tampouco ao espaço físico da Academia. Foi preciso olhar para as teias de sentimentos e de significados que se estabeleceram nas práticas, estes enredados em uma cultura emotiva possível de ser estudada nesta etnografia.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO JÚNIOR, J.A.; MENDONÇA, G.; TOSCANO, J.J.O. Atuação das academias de ginástica durante a pandemia da Covid-19. **Scientia Plena**, v. 16, n. 10, 2020. DOI: <https://doi.org/10.14808/sci.plena.2020.102801>

ECKERT, C.; ROCHA, A.L.C. Etnografia: saberes e práticas. **Illuminuras**, v.9, n. 21, 2008. DOI: <https://doi.org/10.22456/1984-1191.9301>

FURTADO, R.P. Convívio social, diversão e entretenimento como valor de uso e promessa nas academias de ginástica híbridas. **Licere**, v.11, n.2. p.1-26, 2008. DOI: <https://doi.org/10.35699/1981-3171.2008.958>

KOURY, M.G.P. Pela consolidação da sociologia e da antropologia das emoções no Brasil. **Sociedade e Estado**, v. 29, p. 841-866, 2014. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0102-69922014000300009>

KOURY, M.G.P. O Covid-19 e as emoções: pensando na e sobre a pandemia. **Revista Brasileira de Sociologia da Emoção**, v. 19, n. 55, p. 13-26, 2020.

LE BRETON, D. **As paixões ordinárias**: antropologia das emoções. Petrópolis: Vozes, 2009.

LE BRETON, D. Ambivalências do risco. **Sociologias**, v. 21, n. 52, 2019. DOI: <https://doi.org/10.1590/15174522-93505>

LE BRETON, D. **Condutas de risco**: dos jogos de morte ao jogo de viver. Campinas: Autores Associados, 2022.

LIMA, L.S. **A força do habitus**: reflexões sobre a presença do personal trainer no Instagram. Dissertação (Mestrado em Ciências do Movimento Humano) - Programa de Pós-Graduação em Ciências do Movimento Humano, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2021.

LIMA, L.S.; ALVES, D.F.; MYSKIW, M. Os impactos da reabertura das academias de ginástica de Porto Alegre/RS na perspectiva do gestor/a. **Revista Intercontinental de Gestão Desportiva**, v.12, n.4, e110057, 2022, 1-13. DOI: <http://dx.doi.org/10.51995/2237-3373.v12i4e110057>

MAGNANI, J.G.C. De perto e de dentro: notas para uma etnografia urbana. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, v.17, n.49, jun. 2002. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0102-69092002000200002>

RIO GRANDE DO SUL. **Decreto n. 55.771, de 26 de fevereiro de 2021**. Determina, diante do agravamento da pandemia causada pelo novo Coronavírus (COVID-19). Disponível em: http://www.al.rs.gov.br/legis/m010/M0100018.asp?Hid_IdNorma=71534

SILVEIRA, R. **Esporte, homossexualidade e amizade**: estudo etnográfico sobre o associativismo no futsal feminino. Dissertação (Mestrado em Ciências do Movimento Humano) - Programa de Pós-Graduação em Ciências do Movimento Humano, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2008.

SILVEIRA, R.; MYSKIW, M.; BANDEIRA, M.M.; LIMA, L.S.; IGNÁCIO, M.C.; BOEHL, W.R.; SILVA, B.B. Da etnografia “apesar da pandemia” para a etnografia “na pandemia”: experiências nos estudos de esporte e lazer. In: JAEGER, Angelita Alice; MATHEUS, Silvana Corrêa (Orgs.). **Os desafios da pandemia à produção científica em Ciências do Movimento Humano**. Santa Maria: Editora UFSM, 2022.

STIGGER, M. P. Futebol de veteranos: um estudo etnográfico sobre o esporte no cotidiano urbano. **Movimento**, Porto Alegre, v. 4, n. 7, p. 52-66, 1997.

WINKIN, Y. **A nova comunicação**: da teoria ao trabalho de campo. São Paulo: Papirus, 1998.

ZAMBELLI, T.M. **Significados da natação para praticantes máster de um clube cidade de Porto Alegre**: um estudo etnográfico. (Dissertação) - Programa de Pós-Graduação em Ciências do Movimento Humano, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2014.

Endereço dos(as) Autores(as):

Denise Fick Alves

Endereço Eletrônico: fick.de@hotmail.com

Leonardo Silva de Lima

Endereço Eletrônico: personal.leolima@gmail.com

Mauro Myskiw

Endereço Eletrônico: mauro.myskiw@ufrgs.br